

creio eu, a seriedade das realizações de um Mondrian no passado, de um Vasarely ou um Max Bill no presente. Ninguém porá em dúvida a autenticidade das razões de ordem estética que deram nascimento ao abstracionismo e ao chamado concretismo, denominação que alguns críticos não aceitam, de resto. Muito embora, pessoalmente, eu considere que a tendência concretista, no seu rigor geométrico, despreza por demais o humano e se torna, quando não puramente decorativa, inacessível ao público, o que me desagradava habitualmente nela é sobretudo a pobreza inventiva de seus adeptos. Assim a exposição concretista do Museu de Arte Moderna de São Paulo — se se isolarem algumas telas de Cordeiro, com um desenvolvimento rítmico sensível circular ou elíptico, de encontro a planos severos, ou as de Flaminio grande seus triângulos vermelhos e brancos sobre um fundo preto com uma segurança notável de fatura, se se ressaltar a agitada movimentação de Sacilotto (libertando-se afinal de seus retângulos mondrianescos) se se apartarem certos desenhos de Charroux e certas esculturas lineares de Weissman cobrará, apenas, uma série melancólica de pequenos trabalhos, quando muito de interesse artesanal.

Mas a exposição concretista do Museu de Arte Moderna não se restringiu à apresentação de pinturas e esculturas, quis também tornar pública as façanhas gráficas de jovens poetas que, situando-se entre o Apollinaire dos caligramas, as locuções dadaístas e as tentativas "letristas" de Isidore Isou, imprimem em cartazes mais ou menos vistosos uma poesia de quase impossível decifração. A ação do som substituem essas noções "os elementos visuais da palavra". Esqueçam entretanto que a palavra é inevitavelmente simbólica, sugere um conteúdo mínimo ao qual ninguém consegue fugir e que se enoca contra a linguagem gráfica, anulando-a e se anulando ao mesmo tempo. A solução híbrida: palavra impura — forma pura, não me convence e não creio que chegue a despertar a curiosidade do público em geral.

Artistas e escritores fiéis à tendência concretista declaram-se decaladamente anti-românticos. Na sua opinião há que abolir a expressão "mistério" da poesia. Esta deverá ser, como o quadro, não a expressão do que quer que seja, mas uma coisa em si, um objeto. Acontece que os objetos servem a alguma coisa e que essas páginas brancas, de quando em vez ilustradas com letras ou conjuntos de letras não são sempre (salvo raras exceções) gestalticamente belas. E o que se afirma anti-romântico, na realidade revela o mais descabelado individualismo, a mais agressiva arbitrariedade. Quando cuidadosamente o "mistério" desprezível, caem os jovens poetas concretamente na charada. E escrevendo seus versos de maneira fantasista, deslocamento de letras, extração de palavras "explicitadas por um processo que lembra o dos minerais luminosos", no dizer de Ferreira Gullar dão a impressão de brincar, como Vão Gogo, de descobrir o gramismo mais adequado a cada vocábulo... Acrescento-se, como se vê em Augusto de Campos (Da nuca à boca), uma inversão silábica no fim, para atralhar e atijar o leitor e tem-se o segredo do poema que o poeta insiste em dizer "sem mistério"... Mas como se trata ainda de uma fase de transição há que conceder um crédito mais dilatado aos nossos inovadores.

Eis-nos pois, nós das velhas geração, revolucionários aposentados, sacudidos terrivelmente no coqueiro por duas turmas mais ou menos da mesma idade mas que têm objetivos bem diversos. Essa dos concretistas (ontem ainda parnasianos e surrealistas) visa a renovar a obra de arte em sua essência e significação e aspira a uma posição construtiva formal contra o nosso romantismo; a outra, a do movimento revisionista, que tomou de assalto a televisão e debicou os velhos todos com métodos idênticos aos usados pelos gagás quando moços, em 22, essa outra tem em vista a revalorização do homem, a mensagem, o antiformalismo e o antiesoterismo. Tão antagônicas são elas, todavia, que parece muito provável se devorem antes mesmo de começar a digerir os casiques "descoqueirados".

O mundo das letras brasileiro vive agora horas agitadas. Há entusiasmo, convicções, programas ambiciosos. Surgirão polêmicas e muito lucrará o público em ver definidas e esclarecidas as posições dos contendores.

Vamos acompanhá-los de perto e com simpatia, sem contudo abdicar o direito de crítica. Os modernistas de 22 não encontraram a mesma boa vontade. Naquela época "heróica" os jornais só acolhiam quem os atacasse e foi através de revistas efêmeras e periódicos clandestinos (Klaxon, Terra Roxa, Verde, Panóplia) que a voz dos agitadores se fez ouvir. As coisas mudaram, o clima é outro, o diálogo tornou-se normal, as mesarredondas vulgarizaram-se. Dai a perspectiva de vitória que os jovens de hoje têm sempre à sua frente, e os deve inspirar.

Não discuto as teorias dos papazes que expuseram no Museu de Arte Moderna. Posso mesmo aceitá-las sem relutância, porque são, pelo menos expressas com vivacidade e sutileza. O que importa, entretanto, não são as intenções; são as realizações. Estas é que examino e analiso e por elas julgo não a justiça da doutrina mas o talento dos doutrinadores. Tampouco lhes censuro a heterogeneidade do que nos dão: igual desnível qualitativo se observaria em qualquer exposição coletiva de qualquer tendência estética. E não é por achar vazio tal ou qual quadro de Ligia Clarke, por exemplo, que negarei o valor de certa tela sóbria e elegante de Nogueira Lima. Olho a obra dos concretistas com a mesma recentividade com que olharia a dos expressionistas ou cubistas. E (nudem ficar sossegados) jamais perguntarei o que representam...

Publicado em *Diário crítico de Sérgio Milliet*. São Paulo: Martins/Editora da Universidade de São Paulo, v. X, 1981, pp. 262-264.